

QUINTA-FEIRA
Lisboa--24 de Dezembro de

1000
TOES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

292



sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Cena «Interior»



Natividade na actividade



Os ditos da semana



Natal Passamos mais um Natal sem a talhada. Deixalo. Ao menos assim vivemos descansados. Ninguém nos pede dinheiro, não vemos aumentar, como por encanto, o numero dos nossos amigos, não andamos em sustos por causa dos la-frões, nem sequer nos vemos obrigados a ir nos chas de caridade como gente de posses que se preza. Também não ha perú mas isso não é coisa que nos apoquente, porque desde ha muito embirramos com um bicho que anda sempre de monco caído, talvez por já suspeitar que a gente só os irala bem para os comer, o que de resto também entre os hemens acontece.

Consoia nos apenas a pleia de que nasceu o redentor do mundo e que, se a igreja reconsiderar e alterar a tolhinha, adiando *sua-die* a Semana Santa talvez ele tenha tempo de nos salvar.

Senão esperaremos pelo Natal do ano que vem, que nós nunca perdemos a fé na sorte grande. Perdemos apenas o dinheiro das cautelas e já não e pouco.

De tanga Debate-se num tribunal inglez—e tem dado que falar—um caso muito curioso que encerra um problema da mais alta importancia: saber até que ponto uma mulher póde consumir em vestidos e chapéus o ordenado do marido. Um terço? Metade? Tres quartas partes? É o que o tribunal ha-de resolver.

Estas coisas passam-se em Inglaterra onde não ha um «Sempre Fixe» que tudo sabe e tudo resolve satisfatoriamente. Para nós não ha dificuldades e o caso apresenta-se nos até da mais flagrante simplicidade.

A mulher não tem nada que se preocupar com o ordenado do marido. Vai gastando, vai mandando fazer vestidos, chapéus, sapatos e casacos de pele e só para quando o marido estiver de tanga.

Ex. as No Estado de S. Paulo acabam as «Ex. as», com o fundamento de que, pelo o simples facto dum cidadão passar a desempenhar funções publicas, não se torna, só por isso, melhor, mais sabio e mais activo. Isto mesmo declara o decreto que deu o golpe de morte nas Ex. as acrescentando que o tratamento de futuro será democraticamente de «vós».

Nestes termos, um officio se-

rá mais ou menos assim:

Oh! Vós

Em resposta ao officio de vós tenho a honra de comunicar a vós que, nesta data, remeto a vós (não contundir com o jornal do sr. Fernando de Souza) os documentos que vós me havieis pedido. A brevidade com que vós recebeis os referidos documentos prova absolutamente a vós da montagem dos nossos serviços.

O leitor está comprehendendo perfeitamente que aquele ultimo «vós» está ali, em obediencia ao decreto, no sentido de excelencia. É o que antigamente se dizia por esta forma:... «prova absolutamente a excelencia da montagem dos nossos serviços».

Oh! vós que ainda tendes voz emudecei!

Outra vez O sr. Joseph Motta foi, pela 4.ª vez, es-

colhido para Presidente da Republica Suissa.

O que faz o frio! O poder de conservação da neve! Ali, os homens publicos não se estragam, não se adulteram, não se decompõem. Conservam-se pelo trio como a carne e o peixe nos frigorificos.

Quando entre nós as temperaturas descerem a baixo de zero, também havemos de ter presidentes de lavar e durar.

Presidente pela quarta vez! Outra vez oh! Motta?!...

Entusiasmo feminino Do Diario de Noticias recortamos a seguinte noticia, que, se os leitores já leram, não perdem nada em ler pela segunda vez:

Em Baltimore, na occasião em que o actor Lawrence Nibbett cantava, em beneficio dos desempre-

gados, a sua celebre «Canção de amor», houve seis mulheres que desmaiaram de comoção e duzentas que se agrediram mutuamente para conseguir chegar até junto do cantor, no momento em que ele acabava.

Foram precisos nada menos de vinte policias e duzentos homens energicos para o defenderem do assalto feminino. Nunca Nibbett, durante a sua carreira, embora bastante fertil em exitos, teve uma ovação semelhante á que recebeu das mulheres de Baltimore.

O poder das semi-fusas! Aquelle homem, pelo visto é uma especie de bomba aspiradora ou de tromba maritima que se tem o condão de atrair as mulheres.

Mas que pretendiam elas? Cheira-lo? Apalpa-lo? Devorarlo? Ou aquilo era outra musica?

Se era só questão de musica, daqui fazemos saber áquellas duzentas e seis mulheres que não damos o dó de peito, somos muitos capazes de chegar até á Maria Cachucha. Se lhes servir assim... nós não chamamos a policia...

Henrique Marques Junior



Tradutor e compilador de fabuloso numero de fábulas. Os contos infantis, que tão bem conta, não têm conta! Como se isto fosse pouco, Marques Junior, que acaba de deliciar a petizada com «O Leão e o Rato», tem um utilissimo estudo: «Achegas para uma Bibliographia infantil», onde dá conta... certa de tudo quanto se tem escrito para «miúdos», com milhares de por... menores.

Anuncios Nem por ser um só tem menos valor o unico anuncio que, desta vez, nos proporciona o nosso habitual fornecedor.

Governanta

Precisa-se para republica de 4 cavalheiros, idade até 25 anos. Carta dirigida á agencia deste jornal em Rio Maior.

Quem quizer que se apresente, mas já fica prevenida de que aquilo é casa de muito trabalho...

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

RECORTAMOS do ultimo numero do *Diário de Lisboa* de domingo, da secção de teatros:

«O dr. Ramada Curto fez ontem entrega do filme *Brasil Maravilhoso*, os excêntricos contorcionistas Clemente e Pepino e o Ballet Kalsky, grupo composto por 4.»

O doutor, com que então já não se contenta em fazer peças. Já produz filmes, excêntricos, etc.

■ ■ ■

NASCIMENTO Fernandes teve uma criação no *Aldrabão*.
Uma autentica criação!

■ ■ ■

DUMA critica vinda a lume no *Seculo*, sobre uma revista recentemente creada:

«Assistimos às duas sessões com que se estreou ontem no Maria Vitoria a revista *O Estaladinho*. Na primeira, uma parte do publico, mal humorada e incorrecta, perturbou inteiramente a representação cortando os numeros, sem distincção de qualidade, manifestando um desprezo absoluto pela opinião da parte da plateia que vai ao teatro para ouvir e não para aturar más creações do visinho. Na segunda sessão, veja-se como é versatil a multidão, a revista foi ouvida com agrado e aplausos. Houve numeros bisados e até trisados...»

E logo a seguir:

«Essas pequeninas cabalas que se formam em volta de certas *premiéres* manifestam sempre interesses feridos. Por isso a grande massa do publico lhes não atribui outro significado.»

Nem são precisos comentarios, mas no entanto lá vai:

Viva a grande familia teatral!

■ ■ ■

A *Escola de Maridos* fechou.
São as férias do Natal.

■ ■ ■

NO teatro Politeama, uma peça historica, *Um Bragança*, estreou-se com grande sucesso.

Consta que o Clemente Pinto vai, em vez de recitar a écloga, cantar uma linda canção intitulada:

Teodosio, não vás ao sonoro...

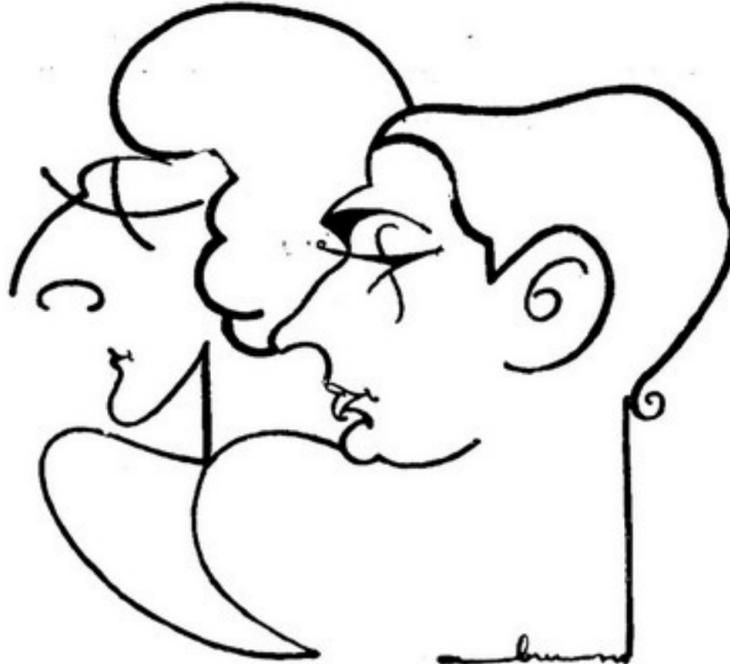
■ ■ ■

O *Amarante*, no Porto, tem feito, segundo dizem, uma linda época.

Agora estreou a *Agua-pé* e o sucesso tem sido tal que até lhe vão meter um quadro novo.

Consta até, e com uns certos visos de verdade, que o Estevão *Amarante* se vai naturalizar portuense...

GRESSY & JANOU



Dois bons bailarinos. O "gato e o rato" na vida e no palco do Apolo.

O Seixas Pereira continua às voltas com a sua peça *Batalha Naval*.

Dizem já para aí que o Seixas até vai organizar companhia para fazer representar a comédia musicada.

Ao que nos informam, a peça tem muita graça, constando que o Seixas vai convidar o Chaby para lhe interpretar o protagonista, que é um couraçado de 35.000 toneladas.

NO Maria Vitoria, o *Estaladinho* vai num sino. O publico pegou-lhe, apesar da guerra que lhe moveram. Na noite da *première*, a segunda sessão correu num mar calmo e não houve novidade. Mas na primeira sessão foi o diabo!

Até parecia a *première* do *Mar Alto...*

■ ■ ■

TRES autores estão escrevendo uma revista com o titulo *O Burrié*.

NATAL



— Pobres pombinhas! Inveja-vos porque tendes fome mas sois livres!

O nome da peça faz lembrar a aplaudida canção que começa assim:

Quem é? Quem é?

Até dá vontade de acrescentar:

*Que vai fazer barulho
No dia da «premié»*

■ ■ ■

A empresa do teatro da Trindade anda pensando, já ha tempos, em substituir as cadeiras da plateia por outras melhores.

A substituição esteve para ser feita ha pouco tempo, a quando da estreia duma peça portuguesa.

—Não calhou.
Mas já dizem que aproveitam e que a mudança se fará quando estrearem outro original português de teatro moderno, á maneira de Pirandello, Shaw, Lenormand, etc.

■ ■ ■

DO *Diário de Lisboa*

«Lino Ferreira, para o livro que vai fazer sobre gente de teatro, nos moldes da *Carteira do Artista*, tem recebido curiosissimas respostas ao seu questionario, algumas de figuras muito categorizadas.»

Respostas curiosas... O que serão? Dar-se-á o caso das nossas mais radiosas *estrelas* e primeiras figuras femininas já não acertarem com os anos que teem?...

■ ■ ■

AFINAL, o *Rei do Carvão* teve uma curta temporada.

Sinais dos tempos!

Isto de reis já deu o que tinha a dar...

■ ■ ■

ANUNCIAM os jornais que o Vasco Santana começou a fazer uma cura de repouso.

E' preciso acrescentar: e de emagrecimento!

■ ■ ■

NUM corredor do Politeama, no dia da estreia da peça do dr. Vasco de Mendonça Alves:

—Que tal este *Bragança*?

—Este ainda não foi dos piores!...

■ ■ ■

SOBRE a mesma peça:

—E' uma peça difficil de tratar!

—Tão difficil que o D. Teodosio, apesar de tratado, morreu novinho!...

■ ■ ■

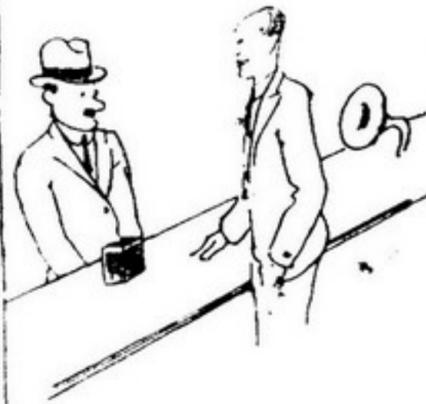
DO *Diário de Lisboa*, de 15:

«Em virtude de uma combinação havida entre as respectivas empresas, as *premieres* desta semana realizam-se em dias diferentes, conforme se annunciara...

Se annunciara... e se verá!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

SORTES



O amador semfilista: — E de quanto é esse acumulador?
O vendedor: — 10 volts.
O amador: — E isso quanto é em dinheiro português?...

João de Pampilhares abancava a uma mesa dum club, em amena palestra com varios amigos, entre os quais se contava o Tavares, grande boémia, e que segundo as más linguas tinha os seus «dares e tomares» com D. Tomazia de Pampilhares, esposa do dito João de Pampilhares.

— Pois podem acreditar — dizia o dr. M... — que noventa e nove e oito nonos e meio por cento, dos que são bafejados pela sorte, são enganados pelas respectivas con-sortes.

— Ora, ora! Isso não pode ser! — protestava Pampilhares.

— Pois claro; noventa e nove e oito nonos e meio por cento, não; mas cem por cento é que deve ser.

E o Tavares, ao dizer isto, ria-se encantado.

— Pó: vocês não vêem — continuava o doutor — o Antunes, ali o merceiro da esquina da rua, a quem a mulher enganava quasi nas barbas, a sorte que teve?

— E' verdade. Comprou quatro vigesimos da lotaria e apanhou a taluda! — confirmou o Aniceto.

— E o Vidal, que um dia, ao chegar a casa, encontrou sobre a mesa de cabeceira do quarto de dormir uma carteira com cinco notas de conto!

— Melhor do que essa — interveio o Anibal — foi a do Bizarma

da farmacia, que ha mais de dois anos, sem empregado que o ajudasse, foi achar deitado na cama, com a esposa, um rapazito loiro, que tinha já três anos de pratica.

— Mas três anos de que pratica? — perguntou o Tavares, como sempre ironico.

— Três anos com pratica da farmacia — respondeu, entre a gargalhada geral, o Anibal.

— Sim, sim; isso será verdade, mas eu não acredito.

E João de Pampilhares, aborrecido, terminou:

— Tanta sorte pode ter um enganado como qualquer outro; isso que vccês dizem são lérias.

— Garanto que este meu juizo é o fruto de longos estudos e observações.

E o dr. M... despediu-se dos amigos.

Todos se levantaram.

Pampilhares e Tavares seguiram juntos até a praça. Ai, cerca da Agencia de Publicações Tavares, alvitrou:

— Ouve lá. E se tu comprasses um bilhete da lotaria?

— Tens razão — respondeu Pampilhares meio abstracto. — Também quero vêr se o doutor fala verdade.

E, entrando no estabelecimento, comprou um bilhete inteiro.

ALBAR.



— Nós temos bons aviadores, mas o material é que está todo velho.

— Nesse caso, a quinta arma passa toda para a cesta...

A "Nota" e a Borboleta na noite de Natal

Noite polar, mas, de subito, deliciosa. Uma noite de Fortuna, nesta época de Azar, em que D. Crise impera.

O Fernandinho, lá da Estefania, mais conhecido pelo Bêbé, sempre aborrecendo a mamã, na vespera em que o Menino Jesus nascera, pediu-lhe que ela collocasse nos tradicionais sapatinhos, ao canto da chaminé, uma linda prenda — uma linda prenda de mil escudos.

Trata-se dum nota, que mete Sol, sem Dó do Lá, para que fique não em Si, mas em Mi...

E foi as cocheias, as semini-mas, minimas, fusas e semifusas, musicalmente falando, o Fernandinho teve um Sol-e-Dó em casa, na noite da Festa da Família, digno do acontecimento jornalístico.

Houve, claro está, mais que uma insónia.

O Bêbé sonhava que uma Nota, que não musical, ao invéz, de escudos, pela percentagem de mil, poderia ser igual a uma borboleta de amor.

Exemplifiquemos:

A *jalêna* está para a *Nota* assim como — sem abreviaturas matematicas — o *Banco* está para *X*.

E como resolver a equação, dirnos-ha o leitor?

Muito simples, e nada de mais positivo.

A *Nota* que, enquanto fechada, se conserva no bolso de qualquer cidadão, succede-lhe o mesmo que á mariposa, pois esta pousa na flôr, mesmo de laranjeira, sugando-lhe o polum fulvo...

Isto é: a borboleta, abrindo as suas multicores azas, dignas dum perfeito *Arco-Iris* libra, espaço afêra — sem intenção de ofender a Gran-Bretanha — talqualmente succede, repetimos, á *Nota*, depois de sair do bolso, voando para regiões etereas. Esta, a *pobresinha*, é que faz dum milionário um doente, contagiando-o com a *penurite aguda*.

Sai a Virtude pela janela e a *Nota* pelo bolso. Não ha contraste mais que perfeito.

Haja alguém que lhe ponha a vista em cima!

E é por isso — oh! meu amigo — que, nesta terra, não ha gente de bem.

Olarilla!

Foi assim que o Fernandinho, da Estefania, mais conhecido pelo Bêbé, sonhou na noite de Natal.

IVINHO.

Eduardo Maria Rodrigues



Um homem que se deu de alma e de coração ao movimento associativo, presidente «perpetuo» da Associação dos Leigos, procurador e sollicitador encarecido de todos os interesses, quando que mais vezes não se encontra nos ministérios, para os outros e a quem os outros não sempre pagam devidamente.

Graça dos outros

Na policia:

O chefe: — O seu nome?
Ela: — Maria do Patrocinio!
O chefe: — Idade?
Ela: — 80 anos!
O chefe: — Casada?
Ela: — Ainda não!

Entre amigas:

Maria: — Julgas que tenho apparencia de 30 anos?
Judite: — Agora já não! Ha tempo tinhas!...

No tribunal:

O juiz: — Qual é a sua profissão?
O réu: — Inventor!
O juiz: — O que inventou?
O réu: — Ainda nada! Estou procurando!...

A mulher: — Porque disseste á criada que se sentasse a comer á nossa mesa com o noivo?

O marido: — Porque estava farto de que o noivo comesse os melhores bocados...

O medico: — Nevralgias! Reumatismo! Que idade tem?

Ela: — Vinte e cinco anos!
O medico: — Olhe que tambem tem perda de memoria...

Ela: — A mamã é muito interessante. Só consentiria no nosso casamento se tu fizesses alguma grande façanha!

Ele: — Ah! Que te parece se eu te desse um beijo!...

Num jantar de anos:

A patrão, entrando na cozinha: — Esquecemo-nos dos doces, Rosa-ria!

Ela: — E' verdade, minha Senhora! Somos umas brutas!

Entre judeus:

— Embora tu não creias, tinha uma bicha solitaria com três metros e trinta de comprimento!
— A quanto vendeste o metro?...

No tribunal:

O juiz: — Assumindo de ter roubado uma saca de palha! O que tem a alegar em sua defesa!
O réu: — Que tinha fome, sr. juiz!

Sortes grandes 7 só o PINA se vende 75 - Rua de S. Paulo - 77



— Então você está comendo pulgão?
 — Pois se eles me comem a mim, porque razão as não posso comer a elas?!

Elevador da Gloria

Entre amigos:
 — Acabo de perder minha mulher e minha mãe!
 — A parte isso, o que ha de novo?

Sapatos de defunto:
 Fic: — Suplico-lhe, doutor, que me diga a verdade. Sou o seu unico parente, o seu unico herdeiro!
 O medico: — Tenha coragem! Antes de oito dias, sairá á rua e estará em condições de tornar a casar-se!

A moderna novela de cavalaria:
 Sancho: — Então vamos atacar os mouros de vento?
 D. Quixote: — Não, Sancho amigo, estou muito constipado!

O avô: — Não comas mais bombons que logo fazem-te mal!
 O neto: — Sim, mas agora fazem-me bem!

Ele: — A vida é injusta! Para uns é muito boa, para outros muito má!
 Ela: — Tens razão! O nosso casamento é um exemplo!

Na rua, ante uma mulher que passa:
 João: — Tem trinta anos!
 Antonio: — Impossível! E' tão velha!
 João: — E' o que lhe tenho ouvido dizer toda a vida!...

Casos do dia:
 O policia: — Diga-me o seu nome?
 O ladrão: — Não posso! Ando incognito!...

— De que lado da rua mora você?
 — De ambos os lados. Se seguirmos uma direcção, fica do lado direito; se seguirmos outra, fica do esquerdo...
 — Mas é ao principio ou ao fim da rua?
 — Dá-se o mesmo caso. Se você vier dum lado, fica ao principio, se vier do outro fica ao fim...

— O patrão — pergunta a empregada — pergunta a empregada — pergunta a empregada...
 — E' o líquido que eu dou aos clientes quando não sei ler as receitas...

ERA UMA VEZ UM RELOGIO...

Era uma vez um relógio. A bem dizer, ele era muitas vezes um relógio, porque nunca tinha sido outra coisa. O relógio que serve de assunto a esta verdadeira historia dava horas, mesmo que lho não pedissem. Dava todas as horas num timbre delicado, que retinia nos nossos ouvidos como o mi dum violino.

Mas o mais grave é que, para cumulo, também dava as nove horas. Todas as manhãs, precisamente depois das 8 e antes das 10, a campainha batia, compassada, nove vezes seguidas.

E, sempre na mesma altura, a hora maldita soava, sem se importar que eu me tivesse deitado á 1, ás 2, ás 3 ou ás 4.

Media o tempo com uma irritante precisão matematica, mas não media as conveniencias. Para quem trabalha, um relógio que dá nove horas é duma arrelia estupenda. Não sei se os leitores tem um relógio com esse vicio. Se tem, devem ter sentido, especialmente quando se deitaram ás 6 ou 7 da manhã, depois duma noite mal passada, que é como quem diz, passada magnificamente, a maldade desse impertinente aparelho a mexer-nos com os nervos, a causticar-nos os ouvidos, como que a dizer-nos:

— São nove horas! Levanta-te! Vai para a repartição!

Certa noite, eu recolhi a casa... No dia seguinte, ia o sol já alto. Deitei-me. As portadas da minha janela, velhas amigas que sabem qual a sua missão neste mundo, hermeticamente fechadas, davam-me a ilusão das primeiras horas da noite.

Aconcheguei-me ao frio agradável dos lençóis de linho, apalpei a suavidade do edredon de penas e dispuz-me, a cabeça enterrada na almofada, a reconstituir-me de forças para o trabalho do dia.

Mal tinha passado a primeira hora, acordei sobressaltado. Uma força estranha havia interrompido o meu sono. Tomei febrilmente o interruptor electrico e premi o botão. A lampada, fechada no seu vestido de seda amarelo-tostado, espalhou pelo quarto uma luz avermelhada.

Na minha frente, o relógio, no seu tic-tac, continuava a dançar lenta e metódica da pendula doirada. O ponteiro pequeno, baixito

e de bôjo largo, semelhando um *Palachon*, assentava docemente sobre as IX. *Pat*, o ponteiro maior, magrito e alto, subia os três últimos degraus; que o levavam ás XII.

Um, dois minutos... e a campainha preparava-se para me chamar á vida irritantemente:

— Nove horas! Levanta-te!

Não! Não podia mais! O relógio era um ditador cuja tirania eu não podia admitir. Dei um *morra* subversivo. Fixei os olhos no relógio maldito. Todo eu tremia de horror. A mão direita, crispada, procurava na gaveta da mesa de cabeceira a minha pistola. A esquerda amachucava, entre a tenaz dos dedos, o *edredon*.

Apontei a pistola. A mão tremia. Os olhos fixavam-se mais. Sentí os cabelos em pé. Mandei-os sentar. Eu queria acalmar-me. O dedo indicador premiu o gatilho. A bala partiu, abrindo uma chaga negra no esmalte branco do mostrador.

Tudo isto não durou mais de dez segundos.

Ouvi o estalido seco do tiro, um retinir de peças feridas. Vi que o relógio teve uma leve oscilação.

Não vi, não ouvi mais nada. Atirei a arma para longe. Sentia um frio horrível. Embrulhei-me todo na roupa. Tapei a cabeça, adormeci, sonhei. Estive assim não sei quanto tempo.

Quando voltei a mim, espregueado-me, a luz do quarto estava acesa. Fui abrir a janella. Era noite. Quiz reconstituir as ideias, que dançavam um *charleston* infernal no salão de baile do meu cerebro.

Fui-me recordando a pouco e pouco. Olhei para o relógio maldito. Lá estava a chaga aberta, negra, no esmalte branco. A pendula batia compassadamente.

Palachon sobre as nove. *Pat* sobre as doze!

A campainha fez-se ouvir. Contei: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9!!!...

Repeti, devagar, contando uma a uma, pausadamente.

Ele, era estava vivo! E dava nove horas!...

Era noite. Tinha faltado á repartição.

No dia seguinte, quando ele batia as nove da manhã, levaram-me para Rilhafoles.

RUY DE ORTEGA.



— Se continuas a falar mal, corto-te a lingua!
 — Eu não me importo, porque mesmo sem lingua posso continuar comendo os chocolates Nestlé e assim concorrer ao 5.º concurso.

A RETALHIO...

Um amigo nosso, funcionario publico e ex cliente pessoa, depois de se ter ordenado padre, resolveu formar-se também em Direito, para o que passou a frequentar a respectiva faculdade.

Logo ás primeiras lições, um dos professores, antigo deputado, olhando para a «corôa» do nosso conhecido reverendo, perguntou-lhe:

— Segundo a lei civil, um tio pode casar com uma sobrinha?

O examinando ficou silencioso e o professor insistiu:

— Pode, ou não pode?

— Pode, pode, mas não é bonito, sr. doutor!

Sub o título «Almanaque de S. Miguel», respigamos do mensario *Voz do Paroco*, que se publica aqui na proxima freguesia da Encarnação, a seguinte curiosa noticia:

«Já temos em nos o poder varios exemplares deste almanaque e portanto podemos satisfazer os pedidos que nos foram feitos. Tem excelente informação religiosa e, mesmo na parte profana, é superior ao *Borda d'Agua*, que ofende as crenças dos catolicos.»

Quando o *Borda d'Agua* ofende as crenças dos catolicos, que ofensas contera o Almanaque de S. Miguel aos mesmos crentes, visto este, na parte profana, ser superior ao antigo rival do Saragocano?

Receita pratica para limpar camas de madeira: 40 gramas de cera de sabão em pó ou granulada, dissolvida em dois decilitros de agua-rás ou amoniac. Juntam-se-lhe outros dois decilitros de petroleo santo e mexe-se tudo muito bem. Põe-se ao lume durante cinco minutos, juntando-se-lhe a seguir mais dois decilitros de agua-rás e três de petroleo. Esfregam-se as camas com este preparado, pega-se-lhe fogo e deixa-se arder. E' uma limpeza.

O correspondente do nosso collega *Republica* em Queluz noticia a morte repentina de um seu amigo e finaliza assim a pequena correspondencia:

«Por ser completamente inesperado este desenlace, o nosso jornal não se fez representar nos funerais em Queluz, visto ter sido alheio ao sucedido o nosso correspondente.»

Pô, se a morte foi repentina, como é que o simpático correspondente não havia de ser alheio ao triste desenlace?! Ou talvez não...

O VELHO DO NATAL



— Ora sempre querê vê o que o patrão êste ano me põe nos sapatos...

Cacharolete

O tal «rugby» famoso, com furia grande e bravia, devia ter outro nome: jogo da pancadaria.

Fui no domingo a Belem, e assisti, cheio de goso, a um desporto moderno: o tal «rugby» famoso. Primeiro, revista ás unhas, depois, mellees, gritaria, socos, pontapés, estalos, com furia grande e bravia. «Ensalô» chamam, no jogo, quando alguém os outros come; mas, em minha opinião, devia ter outro nome. Depois das brutalidades, da pura selvajaria que lá vi, só vejo um: jogo da pancadaria...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Rataria

Os ratos invadiram a despensa. Fiquei desesperado! E' qu', além de lá irem sem licença, tinham tudo ratado!... Enfurecido, armei a ratoeira mesmo ao lado do queijo, iscada e disfarçada, de maneira a que eles não percebessem o manejo. Pois bem—os meus amigos, farejando no caso infamia grossa, entraram de chamar aos iscos figos e á ratoeira... fossa! Repetiu-se a façanha dia a dia, com tão patente empenho de ofender que—fatal arrelia!—comecei, pouco a pouco, a adoecer! E (embora o leitor não acredite) durante um mês inteiro faltou-me o apetite!

...Tal como ao padre cura de Junqueiro.

Ate que um dia, enfim, a vizinha de frente—que é bem bela e se interessa por mim—ensinou-me um remedio que—disse ela—aos ratos dava a morte, a mim a cura: «Um pouco de farinha da de trigo e arsenico, á mistura, é mortal! Infalivel, meu amigo!» Como era natural, aceitei o conselho da vizinha e puz, de novo ao pé do «Rabaçal», veneno com farinha. Terminada que foi a vil traição, pigarreei, solene, o meu catarro, e, trauteando a «Lidima Canção», acendi um cigarro...

Vinha rompendo a aurora... das dez horas:

uma destas poesias cidadinas... destes raios de auroras com câmiões e gritos e buzinas! Acordei. O primeiro pensamento, mal que pulei do leito, foi—já se vê!—o envenenamento. E corri, satisfeito, ao lugar da caçada...

Tenho visto tragedias pavorosas sem que trepidô nada; tenho assistido a cenas horrorosas sereno e impassivel. O cismo que passou fez-se senti: — dizem — dum modo horrivel: pois eu fiquei imoavido — a dormir... Vi A Severa, a fita, os concursos, rainhas e mais damas, qual delas mais bonita... E não me comoveram estes dramas!!! Mas desta vez — já não podia mais! — ao entrar na despensa, de repente, soltei um ou dois als e faleci solene e totalmente...

Da porção que empreguei na mais feroz ideia raticida, apenas encontrei uma metade—ou coisa parecida. E nas sobras, deixado pelos ratos, dizia um papelinho: «O arsenico é bom; ficamos gratos. Quanto ao veneno—come-o no pãozinho!»

S. NEVES.

Definições simpaticas

de palavras que nem sempre o são

Pertencem a um dicionarista espanhol muito austero, o professor Jardiel, as definições que damos abaixo, no intuito de enriquecer o nosso dicionario, pois tornaram-se comuns a todos os idiomas.

Automovel — Maquinismo para atropelar e que se matricula na camara municipal.

Telegrama — Papel amarelo ou azul que é transportado em carro desde a origem ao seu destino.

Telegrama urgente — O mesmo papel, mas que é transportado a pé.

Cigarro — Tubo de papel que contém uma substancia indefentivel que serve para fazer tossir e que se usa para entabolar conversação com companheiros de viagem.

Cinzeiro — Prato em roda do qual se deitam as pontas de cigarro.

Campainha electrica — Aparelho muito utilizado nas casas para as creanças brincarem, servindo também para não chamar as criadas.

Acendedor automatico — Maquina para romper as algebras e queimar as pestanas.

Fosforos — A unica coisa que se fez no mundo com cabeça.

Caneta de tinta permanente — Mecanismo com uma ponta de lação, chamado ouro, e que serve para sujar os dedos de tinta.

Menino — Resultado fatal de brincadeiras dos pais.

Termometro — Aparelho que serve para a gente acreditar sempre que as creanças estão doentes.

Rã — Animal que dá saltos e gritos roucos, mas que não trabalha nas revistas de teatro.

H (agá) — Uma letra que toma a responsabilidade de todas as catastrofes.

Protestada (letra) — Outra letra que não assume a responsabilidade de catastrophe alguma.

Desafio de «foot-ball» — Zaragata fóra de portas.

Chocolate com leite — Goma ara-

bica quente, de composição desconhecida.

Procissão — Desfile de pessoas que vão todas a pensar noutras coisas.

Omelete — Cosinhado que também pode ser feito com ovo.

Espelho — Lamina polida que serve para dar desgostos e que, quando se farta—quebra-se por si propria.

Mealheiro — Banco onde se mete o dinheiro e que, quando quebra, devolve o dinheiro.

Amante — Banco onde sete mete o dinheiro e que, quando se quebra, não devolve o dinheiro.

Estampilha — Criado de trazer na algebra e que ás vezes chega ao seu destino.

Recordar — Operação mental equivalente a despelar cebolas, pois acaba sempre por fazer chorar.

Montra — Vitrine que serve para a gente não encontrar as pessoas que teriamos muito prazer em ver.

Criada para todo o serviço — Criatura de uma povoação que não está no mapa e a quem pagamos «tanto» por mês para contar a nossa vida aos vizinhos.

Rioço — Pessoa destinada a não ter um dia dinheiro nenhum.

Cabeleceiro — Lugar aonde se vai, embora se saiba que não dá resultado definitivo. (Ha vocabulos de identica indole).

Galinha — Animal com o qual se pode ou não fazer canja.

Espiritismo — Processo de obrigar os mortos a falar com os pés.

Cinematografo — Lugar publico onde a «curidão» não é absoluta.

Humorismo — Arte de repetir as coisas engraçadas que os outros inventaram.

Vinho — Liquido ao qual se extraiu o sumo da uva.

Tinteiro — Receptaculo destinado a conter as ideias alheias.

Cerveja — Liquido amarelo que se destina a custar vinte e cinco tostões.

Lampada electrica — Substancia que se funde a qualquer temperatura.

Noticias do dia

A solução do conflito

Manifestações de regosijo

MUKDEN, 23.—Logo que souberam que o conflito havia terminado, os chineses e os japoneses entregaram-se a manifestações de delirio, começando aos tiros uns aos outros, resultando disso morrerem 2.975.433 chineses e meio. Nas ruas desta cidade houve varios tumultos como protesto por o conflito não ter sido solucionado ha mais tempo.

A opinião publica japonesa

TOQUIO, 23.—Nesta cidade houve manifestações de regosijo por ter sido solucionado o conflito. O Governo fez declarações á imprensa, manifestando o seu contentamento pelo reatamento das relações entre os dois países. As tropas japonesas que se encontram na Mandchuria bombardearam as posições dos chineses.

O governo do Sul da China

CANTÃO, 21.—Um dos Governos desta cidade resolveu declarar-se neutro perante a questão da Mandchuria, declarando mais que só intervirá no conflito quando vir para que lado pende a vitoria.

A impressão no estrangeiro

MOSCOU, 6.—O Governo russo mostrou o seu desgosto pela solução do conflito, por ter já feito importantes despesas de representação. No entanto, o commissario do povo do estrangeiro prometeu estudar o assunto. — (United Press).

WASHINGTON, 6.—Interrogado pelos jornais acerca da solução do conflito sino-japonês, Kellogg declarou que sempre acreditou que o conflito seria resolvido, pois o Pacto Kellogg é sagrado. — (Aves).

Por Espanha

Uma vaga de frio

SARAGOÇA, 21.—Na camara municipal desta cidade está aberta a inscrição para preenchimento da vaga de frio que passou nesta cidade.

Mais vagas

MADRID, 21.—Na camara dos deputados ha vagas para deputados. Aqui não se tem sentido o frio, pois todos os deputados tem apanhado um calor.

Mais uma greve geral

BILBAU, 21.—Foi ontem declarada a greve geral, tendo paralizado todo o movimento. Apenas funcionaram os electricos, os comboios, os automoveis e as carroças. Os estabelecimentos abriram, funcionando as fabricas. Ha sossego absoluto em toda a cidade.

No Norte da Europa

Na Escandinavia

OSLO, 22.—Realizou-se ontem nesta cidade uma grandiosa manifestação de homenagem á comissão internacional encarregada de estudar as bases da possibilidade da construção da ponte sobre o Tejo. Na cidade de Lisboa, sobre a ponte de S. João, Tejo será um facto no dia em que for construída.



— Guarde para si a sorte grande, e compre um peru — que perna já você tem...

GRAFOLOGIA

DESSPORTOS

O PRESENTE

ELECTRICISTA.—Caracter franco, sincero. O seu desejo é ser alguém na vida. Pode sê-lo se comprar as *Cem maneiras de ganhar ao jogo*, ou o *Manual do perfeito ilusionista*. Gosta muito de sardinhas assadas com pimentos e tem o habito de comer três vezes ao dia. Percebe um bocadinho de electricidade e mais perceberia se comprasse o *Manual do perfeito electricista* e as *Cento e uma maneiras de não trabalhar*. Tem a mania, infelizmente incurável, de que ha de ser rico. Tem tambem a mania de que todas as mulheres gostam dele. Esta mania é considerada por todos os psiquiatras como perigosa.

UM CAIXA DE OCULOS. — E' curto de vista e usa oculos—isto é que é adivinhar!—Tem o feitiço de lisongear tudo e todos. Tem um emprego onde recebe o ordenado aos sabados. Tem tambem o habito de alargar e jentar todos os dias e mudar de peugas duas vezes por semana. Diz-me na carta que me enviou que tem um feitiço completamente diverso de sed e gente. Nesse caso não é homem, porque ou mais gordo ou mais magro, ou mais alto ou mais baixo, o feitiço deve ser sempre o mesmo: cabeça, tronco e membros. A não ser que seja oleijado.

ZECA TISA. — Um agradecimento pelas suas elogiosas referencias e não se deite a adivinhar. E' natural de Braga, o que honra muito essa linda cidade. Caracter reservado. Tão incerto na sua maneira de proceder como na maneira de escrever. Usa os celebres charvans e o não menos celebre calçado feito em Braga, o que lhe dá uma elegancia muito para invejar. Como todos os rapazes novos, gostaria de ser artista de cinema. Homem regrado, tem, como quasi toda a gente, o mau habito de mudar de roupa apenas duas vezes por semana. Ambiciona ser rico e por isso joga em todas as lotarias, muito principalmente na do Natal. Como é infeliz, nunca lhe sai nada, mas nesta agora andou com mais sorte porque teve a terminação.

SALUSTIANO CAROÇO. — Porque não usa o senhor o habito de tomar banho todos os dias? Esta grafologia não é pela letra, é pelas impressões digitais gravadas no papel. Roi as unhas, compra e vende a prestações e é freguês assiduo das casas de penhores. Não tomou chá em pequeno e agora muito menos. Tem boa memoria, mas nunca se lembra das datas dos pagamentos. Corta o cabelo apenas de dois em dois meses e tem um caracter fraco.

FAUSTININHO. — O seu maior desejo era ser automovel da marca Ford. E' vegetariano e frequentador do Café Chave d'Ouro. Anda a aprender a dançar e a treinar-se para correr na proxima Volta a Portugal. Gosta de engraxar os sapatos todos os dias e tem em casa umas polainas que não calça por não dizerem bem com o fato. Tem a mania do suicidio e seria completamente feliz no dia em que um comboio lhe passasse por cima. Na sua opinião, d'ali por diante a vida passava a correr-lhe melhor.

MADAME HARVY.

Voltamos a prevenir que basta enviar uma carta, que obterá na devida altura a resposta, dada a affluencia enorme de curiosos e o espaço limitado de que dispomos.
Para conhecer o seu caracter pela letra basta enviar algumas palavras, escritas pelo seu proprio punho, em carta fechada e dirigida a Madame Harvy — Redacção do «Sempre Fixe».

Rivalidade desportiva

Já vem de longa data a rivalidade em sport de Lisboa com o Porto e vice-versa.

Outro dia, em conversa, fizeram-nos a seguinte pergunta: — Em Portugal pratica-se, na verdade, alguma modalidade desportiva?

A resposta não se fez esperar: — Decerto que sim. Ou por outra: — «Sporto pode ser que não haja, mas rivalidade desportiva existe com certeza...»

A rivalidade a que nos referimos tem assumido por vezes aspectos demasiadamente comicos.

Ainda ha pouco tempo os dirigentes de ambas as cidades se insultaram mutuamente, com a agravante de terem usado termos nem sempre recomendaveis, para um pouco mais tarde — meses apenas — cair em nos braços uns dos outros, tão arrependidos como a Maria Madalena!

De forma que os do sul nunca deixam de proclamar que a capital é o centro desportivo mais valioso de Portugal, opinião contrariada pelos do norte, que aproveitam todos os acontecimentos e propicias circunstancias para clamar em altos brados a sua superioridade desportiva.

Tudo isto vem a proposito do encontro de foot-ball Benfica-Salgueiros.

Pobre Salgueiros e pobres Salgueiristas!

Estamos mesmo a vêr a recepção que lhes devia ter sido feita á sua chegada a S. Bento.

Não vimos. Da recepção não te-

mos noticia. Mas quasi iam apostar que houve cortejo funebre — olá se houve! — até para não fugir a essa tradiçã de caracteristica absolutamente portuense.

Lemos o que os periodicos do Porto afirmaram acerca do encontro. Saboreámos esses famosos trechos de prosa. Saboreámos e gostámos.

Alguns jornais afirmavam exaltadamente que neste jogo havia intervide, com todo o seu maléfico poder, certo mau olhado. Outros, por sua vez, atribuíam ao estado de torço uma tão esmagadora derrota.

Afinal de contas, parafraseando um jornalista espanhol, parece que todos se esqueceram que os onze bemfiquistas são os unicos culpados da derrota salgada do popular Salgueiros!

Informam-nos que, quando o resultado foi conhecido no Porto, ninguém queria acreditar em tal score. Choviam os comentarios, todos afinando pelo mesmo diapasão: — pode lá ser, o Oliveira — tão bom «keeper» — gram dez «goals» no curto espaço de noventa minutos!

E o certo é que parece ter sido verdade! Parece mesmo que a bola já passava pelo nariz, pelas orelhas, pelo cabelo, enfim, por todas as partes do corpo do desafortunado guarda-réde salgueirista, conhecido em Lisboa por um pseudonimo demasiadamente expressivo, mas nada elegante.

JONICA.



— Misero adúltero! E se eu te pagasse na mesma moeda? ...

— Temos que dar um presente aos Lefectos.

— O quê?

— Estamos no Natal, temos que dar uma prenda ao Ricardo Lefectos e á mulher.

— Uma prenda! Não ma dás a mim e vais dá-la aos outros. Has Je ser sempre o mesmo gastador incorrigivel.

— Não sejas assim, mulher. E lembra-te que estivemos dois meses na praia, em casa deles, que estão constantemente a convidar-nos para jantar, teatro, automovel, etc. E' preciso sermos correctos.

— Pois sim, mas eles são ricos.

— Deixa-lo: temos obrigação...

— Basta que tenhamos a intenção.

— Até hoje, acho que ainda não se vendem intenções... O que é certo é que não podemos fugir a isto.

— Sim, talvez tenhas razão, mas o que ha de ser? A conpoteira que me mandaram os Sousas no ano passado? A bengala que o Lima te deu?

— Não: uma coisa nova. Uma joia para a Madalena Lefectos ou uma cigaretteira para o Ricardo.

— És doido! Vou agora gastar o meu rico dinheirinho com aqueles semsaborões! E porque não ha de ser um colar de pedras para ela — uma roça em S. Tomé para ele, hein?

— E' preciso pensar e procurar o que for mais barato.

— Esp'ra! Eles tem um filho!

— Ótima descoberta!

— Claro! Manda-se ao esgrouviado do petiz um brinquedo qualquer, barato e de vista. Quem meus filhos beija...

— Talvez não seja má ideia, não...

E o casal comprou uma grande bola de foot-ball, que mandou ao rebento Lefecto.

No dia seguinte, chegou uma carta.

— Olha, é dos Lefectos!

— Sim? Deve ser a agradecer e a convidar-nos para jantar. Mais a mais hoje ha premiere no S. Luis.

— Lê a carta.

— «Queridos amigos: — Muito sensibilizados, agradecemos a linda prenda que mandaram ao nosso Bêzénho. Amigos gratos, Lefectos.»

— Tem um post-scriptum. E' decerto o convite para hoje. Lê.

— «Post-scriptum: Juntamos uma notazinha dos estragos que o presente causou:

2 lustres de cristal.....	2.000 esc.
1 jarra chinesa	1.500 »
Vidros, faianças e porcelanas	1.800 »
Recordações de familia, daquelas que não ha dinheiro que as pague... ..	1.000 »
Sema... ..	6.300 »

•Peco-lhes que nos enviem esta quantia o mais depressa possivel.
— L.»

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

Sortes grandes ?

no «PIRA» de venda

75 — Rua de S. Paulo — 77

HOJE NA SEMANA

DEPOIS QUE O PERÚ DEIXOU DE SER PEÃO E PASSOU A ANDAR DE AUTOMOVEL FEZ-SE UM TAL TOLEIRÃO QUE NÃO HA ESCUDOS QUE O LEVEM AO PERÚTIBULO.



A TER UMA FOTOGRAFIA A CÔRES PREFIRO O "LAZARUS" AO "MEDINA" QUE A FAZ, SÔBRETUDO, MAIS BARATUCHA.



POR "PARECEMAL" JUNTA-SE A FAMILIA NO DIA 25... COM PAZ DE VARSÓVIA... POBRES NÓRAS.



EM BOLAMA

"GHANDI" ESTÁ JÁ PREPARANDO GRANDES RESERVAS DE MOSTARDA QUE BREVEMENTE FARÁ CHEGAR AOS NARIZES DOS INGLEZES



SE TEM HAVIDO UM "FLIRT" PRÉVIO COM SONETOS DA VIRGINIA VICTORINO E TRECHOS DA VIDA SEXUAL DO DR. EGAS... TALVEZ



SE TIVESSE EVITADO ESTE TRISTE UR SUN LICÍDIO

ARBÓS DA SALERO A ORQUESTRA E DANÇA O BOLÉRO NA PONTA DAS UNHAS DOS PÉS...

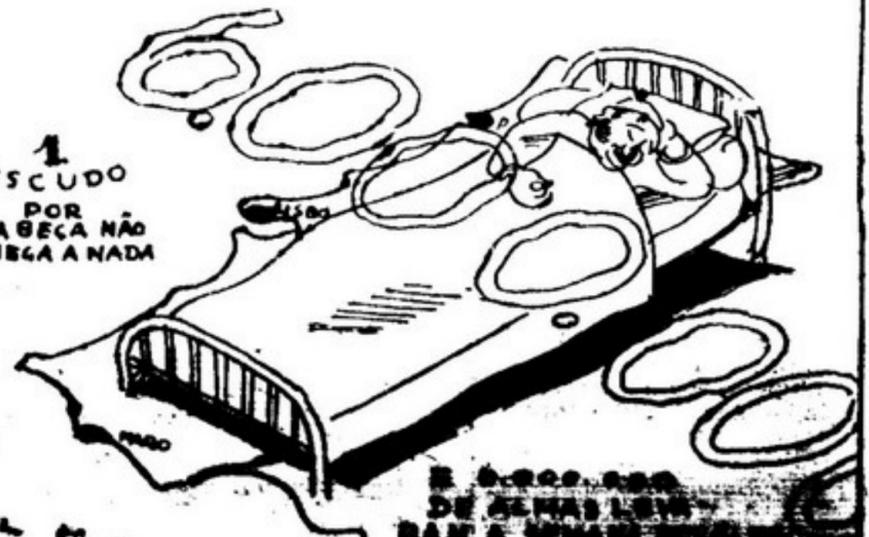


ATÉ O MORTE TO ESPANTOU



DIGAM COM FRANQUEZA... ISTO NÃO É MONUMENTO DE MAIS? PARECE QUB ESTÃO EM CASA..

1 ESCUDO POR CABECA NÃO CHEGA A NADA



E QUANDO DE SEUS LIPS RAFA SEMPRE...

DAMENTE, A SONHAR COM 60000 DE ESCUDOS.